

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU* EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CLÁUDIA MARIA DE FIGUEIREDO

MEMÓRIA ESCOLAR:
UMA EXPERIÊNCIA COM OS AVÓS DA ALUNA DA ESCOLA ANNE FRANK

Belo Horizonte

2012

CLÁUDIA MARIA DE FIGUEIREDO

MEMÓRIA ESCOLAR:
UMA EXPERIÊNCIA COM OS AVÓS DA ALUNA DA ESCOLA ANNE FRANK

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Libéria Rodrigues Neves

Belo Horizonte

2012

CLÁUDIA MARIA DE FIGUEIREDO

MEMÓRIA ESCOLAR:
UMA EXPERIÊNCIA COM OS AVÓS DA ALUNA DA ESCOLA ANNE FRANK

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Aprendizagem e Ensino, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Libéria Rodrigues Neves

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Libéria Rodrigues Neves – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Alice Moreira Lima – Faculdade de Educação da UFMG

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Miguel, com amor e carinho.

RESUMO

A família e a escola são consideradas duas importantes instituições educativas. Atualmente, constata-se a insatisfação das escolas sobre o distanciamento das famílias em relação ao contexto escolar. Este trabalho destaca que o modelo de família nuclear, tão estimado pela modernidade, já não é mais o predominante na sociedade brasileira; e novos arranjos familiares podem ser constatados, a exemplo do caso aqui apresentado, referente à família de uma *aluna* da escola Anne Frank, situada na região de divisa entre os Municípios de Belo Horizonte e Contagem. Neste caso, destaca-se o importante papel desempenhado pelos *avós* na criação dos netos e a atribuição dada a eles na sustentação do pilar familiar. Utilizando como eixo mediador entre a família e a Escola, a memória escolar dos *avós* da *aluna* desta instituição de ensino, a partir da entrevista com os mesmos, este trabalho teve como objetivo dar voz aos sujeitos, no intuito de ser resgatar suas histórias tão importantes quanto àquelas existentes nos discursos oficiais registrados nos livros, de modo a favorecer a imagem positiva desses sujeitos sobre suas experiências de vida. Constata-se neste estudo uma configuração familiar atípica, porém muito organizada, sobretudo no que se refere aos valores positivos comungados entre os *avós* e a *aluna* acerca da escola. Os resultados deste trabalho apontam uma contribuição para a construção de um instrumento de aproximação entre estas instituições educativas.

Palavras-chave: família, avós, memória escolar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Diagrama familiar da <i>aluna</i>	33
Figura 2 -	O coité representado <i>pela avó</i>	46
Figura 3 -	A casa de sapé da <i>avó</i>	38
Figura 4 -	Modelo antigo de sinal escolar.....	41
Figura 5 -	O antigo globo terrestre.....	42
Figura 6 -	Os livros encontrados no lixo pelo <i>avô</i>	44
Tabela 1 -	Configuração familiar / turma 801 – Relativo ao ano de 2012.....	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA	9
2.1 A Relação família e Escola Anne Frank	13
3 A ESCOLA E O CONJUNTO CONFISCO	16
3.1 A escola situada no limite entre dois Municípios	18
3.2 A escola: as suas ações educativas e as avaliações externas	19
4 A FAMÍLIA	20
4.1 As configurações familiares da turma 801	22
5 METODOLOGIA DE PESQUISA	25
5.1 A intervenção pedagógica: o resgate da memória escolar familiar	27
6 O CONTEXTO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	30
6.1 A casa dos avós	32
6.2 O arranjo familiar e o rendimento escolar da <i>aluna</i>	32
6.3 Os instrumentos de pesquisa	34
7 AS MEMÓRIAS DOS SUJEITOS INVESTIGADOS	34
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
ANEXO A	48
APÊNDICE A	50

1 INTRODUÇÃO

A família e a escola são consideradas duas importantes instituições sociais para a formação dos sujeitos. Esta estreita relação entre ambas pode influenciar o desenvolvimento escolar dos alunos. A criação de espaços de trocas de experiências de vida em uma comunidade educativa poderá estabelecer, acima de tudo, aproximação entre estas duas instituições. Entretanto, observa-se que já é discurso corrente, por parte do corpo docente da Escola Anne Frank, o distanciamento existente entre as famílias desta comunidade e a escola, objeto de estudo da nossa pesquisa.

Há também de se constatar que o modelo familiar no Brasil sofreu mudanças significativas nos últimos tempos, o qual já não dialoga mais com a família nuclear tão aclamada com a chegada da modernidade, e que, por conseguinte, exige outro olhar para novos arranjos familiares vislumbrados. Sabe-se também que os alunos provenientes de famílias desprovidas de recursos econômicos e culturais têm menos possibilidade de sucesso escolar, quando comparados às famílias que já tem como base estes quesitos constituídos.

Lamentavelmente, os índices de aproveitamento dos alunos desta escola, de um modo geral, ainda são considerados insatisfatórios em relação às avaliações externas e internas dos professores. A escola está localizada em uma região considerada carente do município de Belo Horizonte, em área limítrofe com outra cidade – Contagem – na qual aconteceu a ocupação e a instalação do Conjunto Habitacional Confisco em condições de muita precariedade e adversidades sociais. Este trabalho elegeu um grupo familiar para estudo, o qual exemplifica claramente tais considerações.

Tomando como base de estudo a turma 801 (oitavo ano do ensino fundamental) da Escola Anne Frank, foram observados diferentes arranjos familiares, sobretudo de avós cuidando de netos e netas. Por meio de um trabalho de intervenção nesta turma, utilizou-se como eixo de estudo da memória escolar dos *avós* da *aluna* eleita, objetivando-se conhecer a história da vida escolar destes sujeitos. Uma biografia de vida que reúne em si todas as características dos agrupamentos humanos visualizados nesta localidade.

Para tanto, o assunto foi trabalhado em dois grandes tópicos. O primeiro

se refere à discussão teórica existente entre família e escola e como se estabeleceu a relação entre estas duas instituições sob o olhar dos docentes da Escola Anne Frank. Estão, ainda, privilegiadas neste espaço as observações sobre o processo de construção do bairro e o levantamento de dados e a representação dos mesmos a respeito da composição familiar da turma investigada. Tendo como ponto de partida para este estudo um trabalho realizado no ano de 2007, que tinha como objetivo abordar e conhecer sobre a memória infantil e familiar de um grupo de alunos e parentes desta escola, esta pesquisa se propõe a contribuir com novas descobertas neste campo do saber.

O segundo tópico contém grande parte da metodologia adotada em nosso estudo, com apresentação de procedimentos utilizados para a entrevista com os *avós* e a *aluna*, a partir da sua memória escolar e a construção de representações em desenhos elaborados por eles mesmos, a partir do que sua memória dita como mais significativo. Os registros fotográficos de objetos carregados de significados simbólicos para o grupo também estão contemplados neste tópico.

Desse modo, pode-se descrever como o objetivo geral desse trabalho resgatar e conhecer a história de vida escolar dos *avós* de uma *aluna* pertencente ao oitavo ano do ensino fundamental da Escola Anne Frank, utilizando como eixo central a participação da estudante e a lógica de investigação etnográfica na realização das atividades que envolvem recuperação e interpretação das lembranças de seus familiares, propiciando uma maior interação e aprendizagem entre os participantes e, ainda, possibilitando aos mesmos conhecerem outras fontes históricas de estudo. Portanto, podemos descrever os seguintes objetivos específicos:

- Resgatar a história escolar dos *avós* da *aluna* desta escola;
- Possibilitar que a jovem conheça a experiência escolar de seus familiares e contextualize as histórias em um tempo e um espaço geográfico;
- Propiciar maior aproximação entre escola e comunidade;
- Conhecer, construir, registrar e preservar fontes de material de pesquisa sobre a história de vida da comunidade escolar;
- Construir novas possibilidades de ensino e aprendizagem a partir da

história de vida desses sujeitos.

Para se alcançar tais objetivos, foram seguidos os seguintes passos metodológicos:

- a) Exposição do tema aos alunos da turma 801 e sensibilização dos mesmos sobre a importância do tema no contexto escolar;
- b) Entrevista com os alunos da turma 801 e levantamento de dados sobre a sua respectiva composição familiar;
- c) Entrevista com um grupo de oito profissionais da educação - coordenadores, professores e diretores - sobre a relação escola e família nesta comunidade;
- d) Encontro com os *avós* e a *aluna*, exposição do assunto e sensibilização deles sobre a importância deste trabalho;
- e) Organização de um roteiro de entrevistas onde o pesquisador, *aluna* e *avós* possam interagir entre si;
- f) Resgate de objetos e documentos históricos, testemunhos de uma época já remota.

A análise destes elementos foi realizada sob a ótica da etnografia interacional, opção propícia para esta pesquisa, uma vez que a metodologia de estudo nos permite trabalhar com uma amostra pequena de sujeitos e ênfase na pesquisa qualitativa.

2 A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

Já é ponto pacífico por parte dos docentes, Estado e a sociedade de um modo geral, o reconhecimento sobre a importância da relação família/escola para o favorecimento dos processos de ensino/aprendizagem dos estudantes. Aqui no Brasil muitos são os estudos de natureza acadêmica sobre a relação família e escola, e o discurso corrente que se conhece é de que o sucesso escolar de crianças e jovens estudantes têm dependido do apoio direto e sistemático da família.

Neste sentido, podemos creditar ao bom desempenho escolar dos estudantes, aqueles oriundos de famílias dotadas de bom recurso econômico e cultural, a disponibilidade deste para o apoio das atividades escolares de seus

filhos bem como o bom nível de escolarização da mãe, conforme explica Bourdieu (1998), quando tenta associar estas variáveis ao conceito de capital cultural. Para o autor, os bens culturais constituídos pela família se sobrepõem sobre os de ordem econômica, a tal ponto que este elemento pode influenciar o percurso e o desempenho escolar do estudante. Estes bens culturais, de acordo com Bourdieu (1998), estão vinculados ao conceito de capital cultural, onde existe o poder de determinados grupos sociais, a produção, a posse, o acesso, a apreciação ou mesmo o consumo de bens culturais socialmente dominantes. Desse modo, podemos acrescentar aqui como bens culturais, o conhecimento e os valores comungados pela família bem como a posse e o consumo de objetos de cunho cultural que serão assimilados pelos membros familiares e, sobretudo, os níveis de escolarização dos mesmos.

Inicialmente, a contribuição acadêmica da família para a escola ocorre de duas formas: por meio da construção do currículo escolar, que é herdado pelo estudante já dentro do âmbito doméstico: as possibilidades cognitivas são estimuladas e adquiridas na sua socialização primária, o que poderá favorecer o seu sucesso escolar (BOURDIEU, 1998). A segunda contribuição também importante sobre esse assunto se passa quando a escola encaminha o dever de casa para o estudante, de forma a potencializar os investimentos dos pais, o que exige dos mesmos as condições materiais necessárias para a realização das tarefas escolares de seus filhos, além da compra de material pedagógico de boa qualidade e computadores, por exemplo.

Os estudos sinalizam que as relações de gênero que compõem os modelos de família no Brasil são relevantes ao sucesso ou ao fracasso escolar. O apoio nas tarefas escolares é tradicionalmente assumido pela mãe (CARVALHO, 2000). O dever de casa faz parte da realidade escolar do Brasil, e segundo Carvalho, a prática rotineira do dever de casa, utilizado nas escolas privadas, que atendem normalmente à classe média, sugere que a sua aceitação seja especialmente grande por parte dos pais. Carvalho considera que, certamente, os pais associam a ideia de que a jornada letiva diária e anual oferecida pela escola é insuficiente para o sucesso escolar de seus filhos.

Já nas escolas públicas, espaços educativos que abrigam grande parte das classes menos favorecidas, observa-se que os baixos níveis de renda e de

escolaridade dos pais (e estes desprovidos de capital cultural, conforme considera Bourdieu (1998)) acabam por desestimular a participação destes nas reuniões escolares, além de não darem a devida importância na realização de deveres de casa.

Carvalho (2000) considera que este modelo de parceria estabelecido entre escola e família esta voltado para atender, sobretudo, as famílias de classe média, com disponibilidade de tempo da mãe para se dedicar de forma efetiva aos filhos e ao lar. Este modelo de família, segundo a autora, já não é mais o predominante na sociedade brasileira, o que inviabiliza os processos de ensino e aprendizagem dos estudantes oriundos, principalmente, de famílias de baixa renda. Carvalho ainda explica:

Para os pais (sobretudo para as mães) e para a vida familiar essa política impõe tensões. Em primeiro lugar, ela adota um modelo único de família: afluenta, com uma esposa e mãe em tempo integral, do qual se distancia um grande número de famílias nestes tempos de crescentes índices de pobreza econômica, emprego materno, estresse familiar, divórcio e mulheres chefes de família (CARVALHO, 2000. p.149).

Segundo Nogueira *et al.* (2005), estudando a influência das condições de vida de 299 famílias residentes em Belo Horizonte, no que se refere ao desempenho escolar de seus filhos, observou-se que o peso do capital cultural concebido por Pierre Bourdieu (1998), também está vislumbrado nas competências adquiridas na aprendizagem destes alunos. Utilizando como ponto de estudo dois eixos de análise de suma importância - o “capital cultural, expectativas e aspirações familiares”; e a “relação com a escola e ordem familiar”, a pesquisa em questão nos revela a forte relação existente entre as aspirações escolares da família, transmitidas aos filhos, de um lado, e o bom desempenho escolar, do outro.

Nogueira *et al* (2005) fez a opção para esta pesquisa do uso da amostra de famílias composta pelas camadas mais populares e também pelas famílias mais baixas da classe média. Neste estudo, por exemplo, ficou comprovado que as famílias que mantêm em suas casas itens escolares que estão associados à extensão de bens educativos, como dicionários, enciclopédias, atlas, livros de literatura, jornais, entre outras fontes de informação importantes, que acabam por compor um pequeno acervo escolar em casa,

são por sua vez as que apresentam maior capacidade de desempenho escolar de seus filhos.

Nogueira *et al.* (2005) diz ainda que a existência de computador em casa com a possibilidade de acesso à internet favorece ainda mais o desempenho escolar dos estudantes, o que evidencia que esta variável é importante, potencializa e estimula o desenvolvimento das capacidades dos estudantes do ensino fundamental.

Carvalho (2000) destaca que esta política de ensino e aprendizagem adotada nos redutos escolares, que abrigam especialmente os estudantes das camadas mais baixas da população, acaba por gerar conflitos de várias ordens. Segundo Carvalho, essa política privilegia um único arranjo familiar: a família nuclear; o que não contempla definitivamente a realidade de hoje. Este modelo de ensino parte do princípio que a família dispõe de tempo integral no apoio das atividades educativas que envolvem o seu filho, sobretudo das mães, o que nega as longas jornadas de trabalho e responsabilidades assumidos por esta mulher nos dias de hoje.

Carvalho ainda discute um fator talvez invisível aos nossos olhos, mas tão perverso quanto os outros: a imposição da escola de colocar aos pais que o lar deverá ser o local próprio da extensão das atividades escolares e, por conseguinte, o lugar eleito também para ser o espaço explícito para o desenvolvimento do currículo escolar. São tarefas que exigem além de tempo dos pais, conhecimentos individuais e formação escolar dos mesmos, o que acaba prejudicando, sobretudo, suas opções de lazer e de descanso.

Para Carvalho (2000), esta política educativa da escola na qual a família tem a obrigação de participar da formação acadêmica de seus filhos, atribuindo ao lar doméstico também um espaço associado ao desenvolvimento do currículo escolar, acaba por esquecer as diferenças de capital cultural, econômico e social dos sujeitos, conforme salienta Bourdieu (1998). Partindo dessa premissa e sabendo da existência de diferentes grupos humanos que estão organizados em diferentes estratos sociais, tal política poderá acentuar ainda mais as desigualdades sociais de aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, é de grande importância reconhecer que o discurso da missão da escola democrática tão aclamada nos dias de hoje, só poderá ser de fato consumada na sua totalidade quando a escola conseguir compensar

este peso desigual existente nas condições familiares dos estudantes. A parceria entre família e escola é de suma importância e incluir nas ações educativas da escola os novos arranjos familiares pode representar novas formas de aproximação e diálogo entre estas duas tradicionais instituições educativas.

2.1 A Relação família e Escola Anne Frank

Estes aspectos, portanto, também são observados na escola Anne Frank, alvo dessa pesquisa. No intuito de se constatar o fato, propôs-se a um grupo de docentes trabalhadores nesta escola, expressar a sua opinião sobre a relação existente entre família e escola vinculada a esta instituição de ensino. A partir da análise das informações obtidas por meio de questionários, foi possível identificar alguns apontamentos e olhares destes profissionais acerca da questão.

A pesquisa contou com a participação de quatro professores, um coordenador de turno e uma professora - que passou pela experiência da gestão escolar - e a atual diretora da escola, compondo a estrutura desta investigação e estudo. Todos serviram de referência e entendimento sobre este elemento no âmbito escolar.

A partir das informações colhidas por meio dos relatos entregues percebe-se que todos os entrevistados compartilham a mesma opinião: apontaram que a família participa pouco nos processos de ensino e aprendizagem dos educandos desta escola, conforme podemos constatar em cada um dos relatos dispostos abaixo. Por outro lado, todos concordam que o envolvimento familiar nos projetos pedagógicos é de fundamental importância para o sucesso escolar dos educandos. Alguns professores apontam a necessidade de trazer a família para discutir problemas além das questões disciplinares ou mesmo do momento da entrega dos *kits*¹ escolares. As considerações sobre este universo estão dispostas logo abaixo e apresentadas dentro da sua totalidade conforme descrito pelos pesquisados.

Relato² de um professor:

¹ Kit distribuído pela Prefeitura de BH aos alunos das escolas municipais, contendo cadernos, lápis, régua, borracha, agenda, livros de literatura e brinquedos pedagógicos.

² Os relatos dos professores, descritos neste trabalho, foram obtidos por meio da escrita de oito participantes, os quais concordaram em registrar suas impressões acerca da relação família e escola Anne Frank. As informações

A presença da família na escola, através do acompanhamento das atividades dos alunos, é imprescindível para a aprendizagem dos mesmos. Contudo, a nossa escola enfrenta muita dificuldade de ter a família presente no seu cotidiano. A escola carece de momentos que tragam a família para além de discutir problemas disciplinares. Considero importante ocorrerem eventos na escola focados na família dentro das possibilidades delas.

Outro grupo de professores destaca de forma bem particular a necessidade de maior acompanhamento dos pais ou responsáveis nas atividades do “para casa” que são encaminhados para seus filhos ou mesmo a necessidade da maior presença deles nas reuniões da escola ou sua maior participação nas reuniões do colegiado escolar.

Relato de professores (texto produzido de forma coletiva):

Reconhecemos que a participação da família no processo de ensino-aprendizagem é essencial para que o desempenho pedagógico do aluno seja satisfatório.

A participação da família deveria ocorrer por meio do acompanhamento das atividades de casa, da presença dos pais em reuniões no colegiado escolar e nos demais eventos promovidos pela instituição.

Na nossa escola, infelizmente, o envolvimento dos pais com o processo de aprendizagem dos alunos é pequeno, uma vez que, a maioria dos pais apenas comparece à escola quando convocados e não percebemos um acompanhamento do aluno pelo responsável em relação às atividades de casa.

Em alguns casos há relatos dos professores sobre a situação de negligência por parte dos responsáveis ou mesmo o descaso e o desinteresse dos pais em relação às dificuldades de aprendizagem de seus filhos.

Relato de um professor:

Um dos fatores que prejudicam o processo ensino/aprendizagem nesta escola é a ausência dessa relação. Família bem estruturada não é sinônimo de sucesso escolar, mas pode ser fator determinante.

Não é uma regra, porém é facilmente constatado que os alunos com desempenho satisfatório, geralmente, contam com o respaldo familiar. E é visível que a predisposição familiar para acompanhar o processo educacional da criança auxilia o trabalho projetado pelos professores.

A realidade da escola reflete heterogeneidade: temos alunos sem respaldo (a maioria) e temos alunos desassistidos pelos pais. Assim, como temos famílias que são presentes, cuja atuação se mostra inócua. Entretanto, só de contar com essa presença, tornamo-nos profissionais injetados de esperança.

Quando a equação aluno/escola/família é bem elaborada, o resultado aparece, já que nenhum desses três pilares funciona isoladamente e todos têm seu valor bem definido.

De acordo com os docentes, a família que pouco visualiza a escola

como meio de transformação social da vida de seus filhos, tem pouca participação dos pais ou responsáveis nas reuniões da escola.

Relato de um coordenador de turno do sétimo, oitavo e nono ano:

- a) As reuniões com grande participação das famílias se dão nas entregas de kits escolares e entrega do boletim no final do ano;*
- b) O maior acompanhamento acontece por parte das famílias dos alunos que não apresentam dificuldades de aprendizagem;*
- c) Grande parte não enxerga a escola como meio de mudar de vida (acesso a uma profissão, por exemplo), portanto não transmitem incentivos ou cobranças para o bom desempenho dos filhos (podem até acreditar na importância da escola, mas nem sempre transmitem essa importância para os filhos);*
- d) Falta acompanhamento em relação às demandas da escola: participar das reuniões, se apresentarem na escola quando convocados pelos professores ou coordenadores, por exemplo.*

Outro aspecto levantado refere-se ao fato de os alunos que têm mais dificuldades de aprendizagem e de comportamento são, normalmente, os mais desassistidos por seus pais. Sinalizando, ainda, sobre a existência de uma legislação em vigor que valoriza a aproximação entre estas duas instituições.

Relato da direção escolar:

A relação família escola é fundamental para a aprendizagem dos estudantes. A criança e o jovem estão em processo de formação e precisam saber que as instituições que os educam comungam os mesmos princípios. Quando há omissão de uma das partes, o processo fica prejudicado. O que observamos aqui na escola é que a maioria dos nossos estudantes que apresentam problemas de aprendizagem, sejam cognitivos ou de atitudes, têm famílias que não são presentes na escola. “nunca têm tempo” ou “façam como acharem melhor”. A legislação também observa a importância desse diálogo.

O apontamento sobre as transformações familiares existentes neste grupo social e a necessidade de rever e internalizar estes novos conceitos na prática de ensino dos docentes indica a necessidade de incluir a participação dos pais nas atividades e temas escolares, de tal modo que isso poderia estreitar uma aproximação maior entre família e escola.

Relato de um professor:

Digo que essa relação acontece de forma não sistematizada e ainda de forma “acanhada” em relação ao terceiro ciclo, que é o ciclo de estudantes com o qual trabalho. Apesar da existência de eventos/momentos formais em que se dá essa relação, como reuniões de entrega de boletins, de kits, penso que tal relação deveria ser qualificada e ir além de iniciativas de contatos estabelecidos por alguns professores. Penso que em nossa comunidade algumas questões precisam ser

pensadas, a saber:

a) As transformações do conceito de “família”, que vão além da família nuclear tradicional. A configuração familiar dos nossos estudantes é múltipla, diversa e multifacetada.

b) Que os momentos/eventos possam ir além da chamada dos pais para questões disciplinares. Traduzindo: que bom seria se os pais fossem chamados para ouvir elogios aos seus filhos (também!).

c) Finalmente, considero importantíssimo o estabelecimento de uma relação família/escola, ou seja, a participação dos pais nos temas trabalhados. Costumo pedir para que os estudantes registrem (como mini-entrevistas), as opiniões dos pais (ou responsáveis) sobre o tema estudado.

Nós, professores, podemos e devemos construir essa ponte entre família/escola.

E finalmente, a manifestação sobre os novos arranjos familiares vinculados ao papel dos avós. Sugerindo, ainda, uma reflexão sobre a maior participação dos pais em relação à vida escolar de seus filhos e a escola, somente quando estes são ainda pequenos e distanciando-se muito dela e da vida escolar, quando a criança se torna adolescente.

Docente (ex-gestora):

Para a maioria dos nossos alunos, as mães são provedoras e as crianças são educadas e criadas pelos avós. Geralmente as crianças não têm contato com o pai e os irmãos não são filhos do mesmo pai. Enquanto os filhos estão pequenos, nós percebemos uma participação dos pais, mas quando o filho entra na adolescência, parece que a mãe vai perdendo a sua autoridade sobre esse filho e ela acaba se distanciando da escola. Logo o aluno fica sem limites, já não tem a presença do pai e, sem autoridade da mãe, acaba canalizando a sua vida para outros caminhos. E a escola acaba sozinha em relação à aprendizagem dos alunos. E muitas vezes sendo a responsável pelo fracasso escolar do aluno.

Desse modo, foi possível levantar a opinião dos docentes desta escola no que se refere à relação da família dos estudantes com a mesma.

3 A ESCOLA E O CONJUNTO CONFISCO

O Conjunto Confisco foi criado no ano de 1988, a partir de um programa do governo de Minas Gerais que “doava” pequenos lotes para famílias cadastradas no programa de governo (DEBORTOLI, 2008). O bairro foi implantado pela Companhia de Habitação de Minas Gerais (COHAB), entre os anos de 1989 e 1992, por intermédio do Programa Comunitário de Habitação Popular (Pró-Habitação). O terreno era de propriedade do governo de Minas

Gerais, adquirido pelo Estado por meio da aquisição da compra de uma propriedade fundiária localizada em região limítrofe nos municípios de Belo Horizonte e Contagem. Ao contrário do que pensam muitos moradores do bairro, as terras não foram “confiscadas” pelos moradores: o terreno foi cedido pelo poder público às famílias de baixa renda que por meio de intensas lutas organizadas pelos movimentos sociais conseguiram conquistar o direito legítimo de acesso à moradia (DEBORTOLI, 2008).

Debortoli (2008) conta que a ocupação e a produção do bairro aconteceram por meio de muitos improvisos e dificuldades por parte dos moradores. De posse de seu lote, os primeiros habitantes tiveram que ocupar o mais rápido possível parte da terra que lhe cabia, sob o risco de perderem o terreno para as possíveis invasões, já que não existia documento legal que comprovasse o direito à mesma. Assim, é comum o relato dos moradores sobre as primeiras moradias serem feitas em forma de acampamentos de lona até a espera dos materiais de construção, que foram fornecidos posteriormente pelo governo. A construção das casas se realizou em forma de mutirão. Porém continua ainda hoje um longo e penoso processo de melhoria e finalização na construção das moradias, quase sempre em regime de autoconstrução. Segundo relato das lideranças do Confisco, o bairro surgiu em condições muito precárias de infraestrutura básica. Existia carência de rede elétrica, água, rede de esgoto, transporte, pavimentação das ruas e coleta de lixo.

Segundo Debortoli (2008), as associações do Confisco tiveram um papel fundamental no processo de ocupação e produção do espaço do Confisco, exercendo uma função importante na mobilização da comunidade e na liderança acerca das reivindicações dos moradores. Desse trabalho das lideranças do bairro podemos relatar conquistas materiais importantes para a comunidade, como asfalto das ruas, abastecimento de água e energia elétrica, a construção da escola e do posto de saúde e da praça de lazer. Segundo moradores e lideranças do bairro a construção da praça, onde havia um grande “buracão”, área de voçoroca na qual se acumulava grande parte do lixo produzido pela comunidade é considerada por todos como a mais importante das conquistas alcançadas pela comunidade (ESCOLA MUNICIPAL ANNE FRANK, 2000).

Localizada nas proximidades da praça, a escola é considerada o

primeiro equipamento público obtido pelos moradores do Confisco e, durante um bom tempo, serviu de espaço para a realização de reuniões, missas e até velórios realizados pela comunidade, como lembram Faria e Soares (2011)³, no ANEXO A.

3.1 A escola situada no limite entre dois Municípios

A escola conta com aproximadamente 1.100 alunos matriculados no ano de 2012, com uma população de estudantes distribuídos em três turnos diários (quatorze turmas manhã, treze turmas tarde e oito turmas noite relativo ao EJA). Uma questão importante a se destacar é aproximadamente 80% dos estudantes desta escola residem no Município de Contagem. Conforme já foi mencionado, a Escola está geograficamente localizada no espaço territorial pertencente à cidade de Belo Horizonte, mas o limite com outro município – Contagem - faz com que a demanda de custos e de responsabilidades venha predominantemente de outra unidade administrativa municipal que não seja Belo Horizonte.

Tal situação tem gerado vários questionamentos de ordem administrativa já que a Prefeitura de Belo Horizonte alega que ela acaba arcando com um ônus que não é propriamente seu por dever. Na tentativa de restringir educandos residentes no endereço da cidade de Contagem, há dois anos a Gerência Regional de Educação Pampulha (GERED Pampulha), órgão administrativo da Prefeitura de Belo Horizonte responsável pela organização e monitoramento do cadastro de matrículas desta escola, impôs uma condição para aceitar a matrícula de educandos advindos do município vizinho: a matrícula só será liberada para estes alunos na própria regional em questão, com data prévia limite até o dia 31 de Janeiro do ano corrente.

Se levarmos em conta que uma das ruas de acesso ao portão já consta em carta territorial do Município de Contagem, como regularizar dinâmicas tão distintas e que aos olhos dos moradores representam apenas uma porção territorial já definida na sua lógica espacial, construída e apreendida? Por estar localizado em área limite de dois municípios, isto acaba gerando dificuldades à própria comunidade do bairro, porque mesmo um educando morando há

³ Durante o ano de 2011, as professoras da escola Municipal Anne Frank, Janice Faria e Maria Luiza Soares através da experiência compartilhada de aulas com o tema que aborda a literatura de cordel, construíram juntamente com os

trezentos metros de distância da escola, este já não teria a sua vaga de matrícula garantida em termos de direito.

O viés conflitante desta história são as formas assumidas por grande parte dos moradores para burlar a sua condição de viver em uma área da periferia que ultrapassa a lógica da divisão municipal. Viver no limite entre duas cidades pode significar viver e pertencer a dois lugares ou não pertencer a lugar nenhum, como ilustram bem os versos deste cordel produzido pelos alunos da escola (FARIA e SOARES, 2011): “Veja só que coisa louca/Foi notícia de jornal/Na casa da dona Graça/A líder comunitária/A cozinha é em Contagem/E a sala em BH”.

Já é de praxe e costumeira a apresentação de falsos endereços por parte de vários moradores desta comunidade, como forma de garantir o acesso legítimo à escola mais próxima aos seus filhos. Além disso, a escola tem que discutir questões de ordem disciplinar dos educandos, mediados por dois conselhos tutelares distintos, o de Contagem e o de Belo Horizonte. O conselho tutelar de Contagem, segundo a direção e coordenação de turno desta escola, é muito mais presente e participativo do que o conselho tutelar de Belo Horizonte. Nos casos em que se necessita dos conselheiros tutelares de Belo Horizonte, muitas vezes, as ações disciplinares e educativas ficam prejudicadas em virtude da pouca atuação deste órgão deliberativo na escola.

3.2 A escola: as suas ações educativas e as avaliações externas

A organização das ações educativas da escola se compõe por meio do oferecimento à comunidade do ensino regular, do ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos) organizado somente no turno noturno e a modalidade de ensino para alunos fora da faixa etária de estudo, o Floração e o entrelaçando como projeto piloto - adesões a programas propostos pela Secretaria Municipal de Educação (SMED).

Há, ainda, a Escola Aberta, um programa com atividades de aprendizado e recreacionais oferecidas sempre nos fins de semana para os jovens da comunidade, com novas possibilidades de lazer e de inclusão social, bem como o Projeto Férias na Escola - um projeto piloto com oficinas de lazer, esportes e artes ofertadas sempre nos meses de férias e em um período de

cinco dias. A Escola Integrada é um programa que também faz parte das ações educacionais desta instituição de ensino. O programa atende crianças e adolescentes do ensino fundamental, na faixa etária de 6 a 14 anos de idade. Os estudantes são atendidos pela manhã e tarde e o almoço sempre é oferecido na própria cantina escolar. Hoje, no ano de 2012, consta a presença de 210 alunos matriculados e ainda uma demanda reprimida a ser atendida.

No âmbito do Índice de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado no ano 2007 como meio de mensurar a qualidade de ensino das escolas do sistema público do Brasil⁴, a escola ainda se conserva abaixo das expectativas do que seria considerado um bom sistema de ensino. Entretanto, nos últimos anos os resultados das avaliações sistêmicas, Programa de Avaliação da Alfabetização (PROALFA) e o sistema de avaliação da educação pública da Prefeitura de Belo Horizonte (AVALIA-BH) apresentaram melhoras significativas no desempenho dos alunos, porém com resultados bem abaixo da média ao que seria considerado satisfatório.

4 A FAMÍLIA

Ao abordar os novos arranjos familiares existentes na sociedade brasileira em relação às ações educativas da escola, Legnani *et al.* (2009), investigando sobre as diferentes concepções de família, relata que na era da modernidade criou-se a crença do afeto da família burguesa, que se compõe por meio da configuração nuclear: o casamento passa a ser monogâmico e a família se configura no modelo onde pai, mãe e filhos se estabelecem numa relação muito próxima. Outras relações de parentesco também aparecem em órbita na composição desta família, porém sempre mais distantes em termos afetivos do que o núcleo familiar primário.

Este modelo de família se consagra no início do século XIX, quando se estabelece o sistema patriarcal de família. Desse modo, o novo arranjo familiar foi consagrado como meio ideal para a saúde psíquica e afetiva do sujeito e vista pelas instituições de ensino como um ambiente ideal para o

⁴ O IDEB é um índice de qualidade de ensino escolar que pode variar de zero a dez. O Governo Federal almeja, no ano de 2022, a nota seis, um índice considerado como bom indicador nos países desenvolvidos.

desenvolvimento de crianças e jovens.

Segundo Legnani *et al.* (2009), em discussão contrária a este arranjo familiar tão estimado com a chegada da modernidade, a família é um elemento construído historicamente pelo homem e está em estreita relação com a dinâmica social da época. Assim, como a sociedade vai se transformando de acordo com as forças produtivas do sistema, a família também acompanha e se configura dentro desta realidade social.

Segundo Souza e Peres⁵ (2002, citado por Legnani *et al.*, 2009), em um trabalho realizado na cidade de Goiânia no ano de 2001, foi possível identificar treze desenhos familiares diferentes na composição da família brasileira e, em destaque, a família nuclear simples, conforme já mencionado, formada por um casal e seus filhos, e a família nuclear com avós cuidando de netos.

Observa-se que a delimitação de novos arranjos familiares é de suma importância na menção deste trabalho, já que a memória narrativa dos avós dos jovens estudantes desta escola é o nosso objeto de compreensão. Os jovens estudantes criados por seus avós representam os reflexos desta mudança diante dos novos arranjos familiares, que são possíveis de serem constatados, tanto em estudos e dados científicos, quanto na realidade de vida desses sujeitos.

A família é considerada uma instituição essencial na relação indivíduo e sociedade e é através dela que os primeiros cuidados da criança são garantidos e a sobrevivência e o seu desenvolvimento se tornam possíveis. Legnani *et al.* (2009) menciona que o processo de humanização do sujeito se estabelece primeiramente pela família. É, portanto, de grande importância que a escola incorpore em suas ações educativas estas novas configurações familiares presentes na experiência de vida destes estudantes.

O reconhecimento de diferentes modelos familiares e de que esta escola não está pautada somente no modelo de família nuclear, pode representar uma grande possibilidade de construir novas formas de diálogo e entendimento entre escola e família. Esta aproximação só será possível quando a escola for capaz de conhecer e mediar a cultura do outro e, sobretudo, saber onde ele se insere socialmente.

⁵ SOUZA, S.M.G., PERES, V.L.A. Famílias de camadas populares: um lugar legítimo para a educação/formação dos filhos. *O social em questão*, 7,63-74, 2002.

Diferentes arranjos familiares podem ser comprovados em uma turma do oitavo ano (801) da Escola Anne Frank, com especial destaque para, uma parcela significativa de jovens sendo criados por seus avós, conforme podemos demonstrar adiante.

4.1 As configurações familiares da turma 801

Souza e Peres (2002), citado por Legnani *et al.* (2009), por meio da publicação de um trabalho de cunho acadêmico, identificaram treze arranjos familiares em seu estudo sobre a composição da família no Brasil. Esta classificação servirá de base para a nossa nomeação familiar sobre a turma em questão, e que é descrita pelos pesquisadores da seguinte forma, a saber:

*Em 2001 foram identificados treze desenhos familiares, sejam eles: Nuclear Simples, formada por um casal e seus filhos; Mononuclear, constituída por um casal sem filhos; Monoparental Simples, a qual pode ser feminina ou masculina e é organizada em torno de uma figura que não tem companheiro residindo na mesma casa, podendo ou não residir com os filhos; Nuclear Extensa, família nuclear com agregado adulto cohabitando; Nuclear com Avós Cuidando de Netos, casal de avós que cuida de netos com menos de 18 anos; Nuclear Reconstituída, casal cujo um ou ambos os cônjuges já tiveram outra união anterior, podendo ter filhos ou não; Nuclear com Crianças Agregadas, família nuclear cuidando de crianças que não são filhos; Monoparental com Crianças Agregadas, família monoparental que cuida de crianças que não são filhos; Monoparental Extensa, família monoparental com agregado adulto residindo na mesma casa; Atípica, indivíduos adultos e/ou adolescentes co-habitando sem vínculos sanguíneos, incluindo também pessoas que moram sozinhas e casais homossexuais (LEGNANI *et al.*, 2009, p.02).*

Das treze configurações familiares identificadas pelo estudo de Souza e Peres (2002), citado por Legnani *et al.* (2009), sete destes modelos podem ser visualizados na composição familiar dos alunos da turma 801(TAB.1). De acordo com os dados analisados, a família nuclear já não é o arranjo familiar predominante neste grupo social. Em relação à família Monoparental simples ou extensa, na maioria das vezes se tem como pilar a mulher. Nas famílias Monoparental Feminina, o pai quase sempre é mencionado pelo educando como ausente na sua vida. O percentual de avós cuidando dos jovens, neste grupo, é bastante significativo, conforme demonstrado na tabela a seguir.

TABELA 1

Configuração familiar / turma 801 – Relativo ao ano de 2012

Arranjos familiares	Número de alunos
Nuclear simples	11
Nuclear extensa	01
Monoparental feminina simples	05
Monoparental masculina extensa	01
Monoparental feminina extensa	02
Nuclear com avós cuidando de netos	05
Nuclear reconstituída	01
Atípica	01
Aluno infreqüente	01
TOTAL DE ALUNOS	28

Fonte: referência de configuração familiar, conforme Legnani *et al.*, 2009.

NOTA: Alunos que compõem a turma 801 (oitavo ano) e sua condição familiar, segundo classificação sugerida pelo autor citado.

Desses novos arranjos familiares identificados na turma 801 devemos dar maior atenção aqui aos que estão representados na composição desta turma: a prática da adoção temporária ou não de crianças por parte de membros familiares, especialmente os avós. Tal realidade pode ser visualizada neste grupo de famílias existentes na turma 801 da Escola Anne Frank. Nas conversas informais entre o professor e seus educandos, normalmente possível de acontecer fora dos horários das aulas, verificou-se a frequência de relatos de casos de educandos que residiam apenas com os seus avós.

Da necessidade de compor uma amostra representativa para a realização deste estudo vinculado ao resgate da memória familiar dos educandos, além da pouca disponibilidade de tempo e da inviabilidade metodológica para trabalhar grandes amostras de sujeitos, a partir da lógica de pesquisa etnográfica, se fez a opção, nesta pesquisa, de recuperar a memória dos familiares dos educandos através de seus avós.

Optou-se por constituir a amostra a partir da família de uma jovem *aluna* a qual vive com os seus avós, pois desse modo poder-se-ia aprofundar tanto o estudo sobre o resgate da memória familiar dos mesmos, como também trabalhar com a memória de sujeitos com grande experiência social – os avós. Ressalta-se que a amostra está composta por um grupo pequeno de pessoas, porém o seu discurso poderá ser tão representativo, quanto revelador ao estudo do tema.

Observa-se também uma diferente dinâmica demográfica constatada nas experiências de vida deste grupo social: a “adoção temporária” de crianças e jovens por parte de seus familiares ou não. Foi comum ouvir nos relatos de vida destes estudantes, a experiência de viver com outras pessoas com vínculo de parentesco de diferentes graus e às vezes com pessoas não congênicas. Viver ou não com um grupo familiar pode representar muitas vezes uma linha muito tênue e não muito definida dentro dos novos arranjos familiares concebidos.

Sobre este aspecto, podemos aqui exemplificar dois casos bem ilustrativos e ouvidos através dos relatos destes estudantes: um estudante deste grupo relatou que sempre viveu com sua avó e, por se desentender com seu primo, que também morava com ela, acabou indo morar com sua mãe naquele momento. Mas esta era uma situação nova para ele, ainda não era definitiva, e ele ainda tinha o desejo de voltar para a casa da avó⁶.

Outro relato ouvido por um destes estudantes da turma 801, entre outros da mesma natureza, foi a convivência dele durante algum tempo com uma criança deixada aos cuidados de sua mãe, sem vínculo de parentesco algum com sua família. Um conhecido próximo de sua mãe, sem vínculo algum de parentesco, em decorrência de sua impossibilidade de cuidar de seu filho naquele momento, entrou em acordo com a mãe deste aluno e ali a criança permaneceu sob os seus cuidados. Até que, passado quase um ano, o pai da criança conseguiu restabelecer as suas condições de vida e a buscou de forma definitiva.

Outros, disseram que primos viviam com eles e sua família durante algum período e passado algum tempo, eles retornavam aos seus lares de origem⁷.

⁶ A organização dos sujeitos dentro dos arranjos familiares tinha incluído este estudante no tipo de família nuclear com avós cuidando de netos, por considerar a sua maior experiência social vinculada a este parentesco. Porém a não autorização de sua avó para participar do estudo, acabou por inviabilizar este procedimento.

⁷ Poucos são os estudos sobre o fenômeno demográfico denominado de “circulação de crianças”. Fonseca (1999) procura compreender este fenômeno sob o olhar das ciências sociais. Segundo a pesquisadora, ainda são poucos os relatos e estudos sobre esta nova dinâmica demográfica inserida na composição das famílias brasileiras. A complexidade da questão é grande, porque muitos podem ser os motivos pelo qual as crianças deixaram de residir com a mãe. Observa-se a prática de circulação de crianças que residem com parentes diversos ou mesmo com pessoas não congênicas.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Desde o século XIX a antropologia vem se dedicando a documentar e explicar a diversidade humana. No início, as pesquisas se voltavam principalmente para as sociedades denominadas “primitivas”, conforme explica Werner (1990). A ciência antropológica se interessa pelos seres humanos de todas as épocas e de todos os lugares. Para tanto, utiliza-se da etnografia como lógica de investigação, a qual permite descobrir os diversos significados que os participantes produzem sobre a sua situação de vida. A etnografia é, mais do que um método de estudo, considerada como filosofia de pesquisa.

Werner conta que a etnografia foi constituída primeiramente dentro da ciência antropológica cujo interesse maior se voltava, sobretudo, na descrição da cultura do outro e do interesse do antropólogo em querer investigar diferentes formas de cultura. Mais recentemente, o uso da etnografia como lógica de investigação tem influenciado também no estudo de aspectos diversos da nossa sociedade.

Outros pesquisadores, como educadores e estudiosos no campo da educação, por exemplo, têm se aproximado da etnografia interacional como forma de investigação no campo da educação. Refere-se ao estudo das interações em sala de aula. São significativas as publicações de artigos científicos acerca do uso da etnografia enquanto método de pesquisa no campo da cultura escolar.

Essa metodologia de despojamento e de inserção social na vida do outro, mencionada também como observação participante, tem como princípio norteador a transformação dos sujeitos considerados supostamente “estranhos”, do nosso ponto de vista, em pessoas comuns e que vivem apenas de acordo com a dinâmica cultural do seu meio.

A partir desta lógica de investigação, pode-se analisar o cotidiano escolar e a educação em seus aspectos diversos, enfatizando a pesquisa de abordagem qualitativa. Na pesquisa qualitativa existe a preocupação em dar sentido ao fenômeno investigado, como também interpretar os significados que as pessoas dão aos mesmos.

Fonseca (1999), diz que existe uma grande discussão na área acadêmica sobre o que torna a pesquisa verdadeiramente etnográfica. Isto

porque, na maioria das vezes, os pesquisadores de outras áreas do conhecimento não costumam ali permanecer por um tempo suficiente, a tal ponto que possam desenvolver um trabalho de natureza etnográfica⁸. Erickson⁹ (1984), citado por Werner (1990), em reflexão sobre este assunto, afirma:

Nós somos forçados a começar a reconhecer que os métodos específicos utilizados por um antropólogo como Malinowski em seu trabalho de campo nas Ilhas Trobriand não funcionará no caso das escolas americanas. Alguns de seus princípios gerais de trabalho de campo e relatório de pesquisa podem servir como modelo para etnógrafos que pesquisam em escolas, mas não seus métodos específicos, pois a sua unidade social difere da nossa em tamanho e tipo (WERNER, 1990, p.53).

Para Fonseca (1999), muitos estudiosos têm buscado a antropologia e especialmente o método etnográfico para solucionar lacunas abertas entre a teoria e a realidade. Isto porque a etnografia consiste numa ciência baseada no concreto, e a interação entre o objeto de estudo e o pesquisador são os princípios que norteiam essa lógica de investigação. Como já mencionado, ao contraponto da pesquisa quantitativa, a etnográfica se insere na técnica de investigação, onde a pesquisa qualitativa representa um importante instrumento de valorização de intervenção da prática de ensino, conforme explica Fonseca (1999).

A intervenção educativa depende do diálogo entre o pesquisador e seu objeto de estudo; e é através da área de comunicação que a pesquisa etnográfica se desenvolve. Segundo Fonseca (1999), em se tratando de intervenção educativa, onde o pesquisador e o outro interagem a todo o momento, a mediação irá ocorrer por meio da linguagem e esta irá se basear certamente por meio da língua pátria que é comum de ambas as partes. Tal exercício pode aparentemente criar a falsa idéia do bom entendimento entre pesquisador e o outro. Entretanto, a técnica etnográfica parte do pressuposto de que o processo de comunicação é complexo e que o contexto da fala e das palavras pronunciadas são reveladoras de um lugar no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e, muitas vezes, se

⁸ A pesquisa tipo etnográfica utiliza os mesmos instrumentos da pesquisa etnográfica, porém o tempo de permanência que a abordagem etnográfica exige para conhecer o outro é bem maior em relação a do tipo de abordagem etnográfica.

⁹ ERICKSON, F. What makes school ethnography "ethnographic". *Anthropology and education quarterly*, v.15, n.1, p.51-66, spring 1984.

confrontam. Fonseca salienta que um pesquisador só consegue criar um relato de fato etnográfico quando ele consegue criar um movimento interpretativo: sair da vivência particular dos sujeitos e caminhar até o geral.

Este trabalho irá contemplar uma amostra pequena de sujeitos passíveis de investigação e análise. A utilização da técnica etnográfica na realização deste estudo se torna propícia, na medida em que esta investigação metodológica nos possibilita trabalhar com uma amostra pequena de sujeitos oriundos de um mesmo espaço de vivência - o Conjunto Habitacional Confisco - dando ênfase à abordagem qualitativa; e que,, mesmo considerando aqui o tamanho modesto da sua composição em termos numéricos, nem por isso deixa de ser representativa e valiosa na sua forma de discurso.

A partir do relato da memória dos *avós* da *aluna* desta escola e utilizando os instrumentos de pesquisa da etnografia como linha de procedimento metodológico, poderemos conhecer o comportamento e a sensibilidade desses sujeitos sobre uma época.

Bossi (1994) afirma que a memória do idoso não é útil somente para ele. Sua capacidade de lembrar histórias passadas faz com que o idoso cumpra um importante papel social. Em muitas sociedades, os mais velhos são considerados como fonte de conhecimento e sabedoria, portanto, são aclamados por este feito. Eles servirão de arquivos vivos onde se depositará a experiência humana.

5.1 A intervenção pedagógica: o resgate da memória escolar familiar

Em 2007 foi realizado com um grupo de crianças e seus familiares um conjunto de atividades lúdicas e interativas, que tinha como interesse o resgate da memória infantil e familiar desta comunidade escolar. Segundo Figueiredo (2007), a necessidade de realização de novos estudos sobre o tema ficou clara em decorrência das dificuldades deparadas na realização do trabalho e das lacunas deixadas pela pesquisa que não foram possíveis de serem respondidas em tempo hábil pelo pesquisador. Figueiredo (2007), ao concluir o seu estudo, observa e já sinaliza na sua pesquisa, a falta de envolvimento dos pais e familiares acerca das atividades que envolviam os mesmos. Fato

exemplificado a partir da pequena presença dos familiares quando numa turma de vinte e seis educandos apenas seis familiares compareceram à reunião para discutir com o pesquisador sobre o tema da pesquisa (os demais sequer justificaram a sua ausência). Figueiredo (2007), ainda aponta:

A falta de envolvimento dos pais em relação às atividades escolares de seus filhos na escola Anne Frank não se manifesta apenas neste projeto educativo como também em muitas outras atividades desenvolvidas dentro do contexto escolar. Certamente, se o comparecimento por parte dos familiares ocorresse em sua totalidade, os encaminhamentos almejados para este projeto teriam propiciado maiores êxitos (FIGUEIREDO, 2007).

A oportunidade de prosseguir e aprofundar sobre o estudo da memória dentro da perspectiva escolar dos avós se torna propício, portanto, neste momento.

A composição familiar brasileira apresentou mudanças significativas nas últimas décadas e constata-se que os avós têm desempenhado um papel importante na nova organização da família, constituindo-se membros de voz nas decisões, na criação e na educação de seus netos. A inclusão da mulher no mercado de trabalho, juntamente com a mudança de dimensão temporal de convivência entre pais e filhos bem como a separação constante dos casais faz com que a figura dos avós represente um novo arranjo na educação dos netos.

Entre as famílias de baixa renda, observam-se novas trocas de experiências, que povoam e delineiam os lares das famílias brasileiras: os cuidados temporários ou mesmo definitivos dos netos sob responsabilidade dos avós. A diferença de geração entre os avós e seus netos é grande, e a perspectiva e diferenças que os “velhos” projetam sobre a escola e a educação de sua época é certamente muito diferente quando comparadas aos jovens de hoje.

Essa pesquisa baseia-se na visão dos avós de jovens sobre a escola de seu tempo e que será, por conseguinte, confrontada com a escola dos dias de hoje, por meio do resgate da memória das gerações anteriores. Quanto à memória, buscam-se nos avós, oriundos de diferentes porções geográficas, a ideia da escola e o que dela ele nomeia e reinterpreta a partir do seu ponto de vista.

Na sua trajetória de vida escolar, os avós poderão recuperar por meio de

sua memória, as experiências e relatos da sua vida escolar e dos outros integrantes do grupo: uma história tão importante e reveladora, quanto àquela encontrada nas narrativas dos acontecimentos do passado ou mesmo dos discursos de uma elite dominante.

Vivemos hoje um tempo de grandes mudanças. O ritmo acelerado da vida urbana, a pressa na realização das tarefas, o consumismo exacerbado que permeiam as relações humanas; a grande mobilidade espacial dos sujeitos em relação ao seu ponto de origem e a falta de permanência dele em um espaço geográfico definido são fatores que conspiram contra a memória dos sujeitos. Observa-se, ainda, o desapego aos objetos que incorporavam em si elementos de significados históricos e biográficos e que tais fatores têm levado também ao mecanismo de destruição da memória, tanto individual quanto coletiva, de um grupo.

Bossi (1994), em seu estudo de tese, diz que existem muitas formas de destruição da memória presentes na sociedade moderna e estas acabam substituindo as lembranças de sujeitos que vivenciaram um contexto histórico e familiar de uma época pelos registros oficiais relatados e celebrados pela história consagrada.

A partir deste enunciado e utilizando-se como eixo de investigação uma estudante do oitavo ano do ensino fundamental da Escola Anne Frank, situada no Conjunto Confisco, no município de Belo Horizonte, este trabalho propõem resgatar a memória escolar dos avós dos jovens desta instituição de ensino. Para tanto, a experiência de ensino conta com a participação de seus avós e sua respectiva neta (a *aluna*) e com atividades realizadas com os mesmos.

Este trabalho mostra-se relevante na medida em que, por meio do resgate da memória escolar dos mais velhos, os jovens poderão conhecer a trajetória de vida dos seus avós e o que essas histórias podem representar como fonte de conhecimento e de pesquisa.

O relato oral ou escrito das experiências de seus avós ou mesmo dos outros membros do grupo, inseridos dentro de uma vizinhança, mostram que não existem só as versões oficiais da história que apontam a escola é um espaço importante para dar voz aos sujeitos comuns e que podemos construir através deles novas fontes de saberes (BOSSI, 1994). Além disso, conhecer a história do outro pode representar um instrumento importante de aproximação

entre escola e comunidade, o que pode significar ganhos nas condições de aprendizagem e ensino do educando.

Sabe-se que a família e a escola compartilham funções educativas e que ambas contribuem para a formação de crianças e jovens. Desse modo, é de suma importância desenvolver relações de interação adequadas entre as mesmas, pois o ambiente familiar e escolar são espaços historicamente construídos para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo dos sujeitos. Assim, delimitando o nosso estudo dentro da perspectiva da memória escolar dos avós dos estudantes residentes nesta comunidade, dando voz aos seus testemunhos e depoimentos, poderemos despertar e criar uma imagem positiva de si mesmos e da comunidade a qual pertencem.

6 O CONTEXTO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A casa dos *avós* e da *aluna* está situada em frente aos muros da escola e se localiza numa porção geográfica do bairro que conta com uma melhor infraestrutura básica, como esgoto, arruamento definido e pavimentação, além de poder contar com uma linha de ônibus de fácil acesso, ter proximidade com a Praça do Confisco além de contar com a presença de um pequeno comércio que atende a comunidade local.

Tanto o *avô* quanto a *avó* migraram do interior de Minas Gerais para Belo Horizonte em busca de melhores condições de vida. À dificuldade em custear uma moradia decente ou mesmo comprar um imóvel restou a eles (*avós*) a ocupação de porções pouco atrativas ao capital imobiliário. A trajetória de vida dos *avós* é um exemplo desta condição de vida.

As camadas populares, segregadas dos benefícios gerados pelos meios de produção, acabam se deslocando para loteamentos populares com o mínimo de infraestrutura, onde praticam o regime de autoconstrução de suas casas. A organização destes movimentos sociais é, antes de tudo, um instrumento de resistência e sobrevivência de grupos humanos que foram expulsos do campo e querem se estabelecer na cidade com direitos iguais.

Em razão destas dificuldades, os *avós* ocuparam, em meados dos anos

80, uma porção de terra situada na região do São Mateus, bairro pertencente ao Município de Contagem e que faz limite com a região onde hoje está constituído o bairro Confisco.

É reconhecido saber que a periferia dos grandes centros urbanos tende a se expandir juntamente com problemas de saneamento básico e acesso à água encanada em casa, por exemplo. Desse período, a dificuldade de acesso à água potável em casa, servida apenas à noite pela companhia fornecedora, obrigava muitos moradores do Bairro São Mateus, inclusive a própria avó entrevistada, a realizar grandes deslocamentos diários, em trilhas de mata fechada, até chegar às nascentes de água existentes nas terras inabitadas do Confisco. Ali era comum a realização da lavagem de roupa, pois a água era escassa em casa.

Surgiu um boato na época sobre a doação de lotes nesta região pelo Estado às famílias carentes e que desejavam uma moradia. Num primeiro momento, sessenta famílias de várias partes da cidade ocuparam o espaço e aguardaram que a Prefeitura de Belo Horizonte cedesse material para iniciarem a construção das casas. Os avós, observando a possibilidade da apropriação de um lote de terra, não só aderiram ao movimento de cunho coletivo, como também se inseriram na participação deste como liderança na comunidade. Os avós exigiram do poder público, juntamente com os demais moradores, melhorias nas condições de infraestrutura do bairro que surgia então. Portanto, no início dos anos 90, a família obteve, por meio da mediação do poder público, a posse de um pequeno lote de terra.

Finalmente, em 2010, a Prefeitura de Belo Horizonte entregou 630 títulos de propriedade aos moradores do Conjunto Habitacional Confisco, entre os beneficiados, o casal de avós. Todos os títulos de propriedade entregues são referentes apenas aos moradores residentes na porção do bairro situado no município de Belo Horizonte. A porção do bairro situado no município de Contagem ainda carece de regularização fundiária¹⁰.

¹⁰ A legalização das áreas de interesse social, vilas e favelas estão previstas no Estatuto da Cidade é uma forma de inclusão destes locais à cidade formal. Com a regularização, o morador se torna proprietário do imóvel, além de conquistar um endereço oficial reconhecido pela cidade e pelas concessionárias de serviços públicos. Outras vantagens são a valorização do imóvel, o acesso a linhas de financiamento de instituições financeiras e isenção do IPTU por dez anos a partir da emissão da escritura.

6.1 A casa dos avós

A construção da habitação dos avós esta constituída por dois pavimentos. O primeiro foi reservado à construção de um grande espaço alugado para uma igreja evangélica. O aluguel contribui para o orçamento doméstico da família.

A casa dos avós se localiza acima deste pavimento alugado, é relativamente grande, mas com acabamento e mobiliário modestos. Da varanda a que se tem acesso à casa pode-se avistar um grande espaço composto por uma cozinha. Nela se abriga um grande fogão a lenha, acompanhado por toras de madeira reservadas como combustível para o fogão.

Sob uma prateleira de madeira se assentavam, ainda, algumas vasilhas de barro. É pertinente acrescentar que os migrantes oriundos do interior de Minas Gerais transferem para os territórios urbanos de moradia a experiência da vida rural tradicional. A cozinha caipira, segundo o relato da avó está reservada somente para os motivos de encontro familiar, especialmente nos dias de domingo, com a chegada das visitas, onde a preparação dos alimentos exige maiores cuidados.

Da filha dos avós que se une ao matrimônio, parte desta casa foi dividida entre as duas famílias, com cozinha e banheiros independentes. O trânsito de pessoas é grande na casa dos avós: neste domicílio, além deles e dos três netos sob a sua guarda, ainda vivem ali provisoriamente mais três pessoas de seu vínculo familiar.

Na sala de televisão já se observa uma estante antiga, com vários livros de diferentes tamanhos, além de objetos decorativos que compunham a ornamentação do ambiente.

6.2 O arranjo familiar e o rendimento escolar da *aluna*

A configuração familiar apresentou contornos inesperados durante a realização deste estudo. Por meio do relato dos avós foi possível compreender e visualizar a construção de um diagrama, o arranjo familiar da *aluna*, conforme apresentado na ilustração adiante (FIG. 1). Observa-se, portanto, que a configuração desta família esta estabelecida muito mais em termos afetivos

do que propriamente sanguíneos. A guarda da *aluna* já esta regularizada nos termos da lei e cedida espontaneamente pela mãe biológica ao casal de avós.

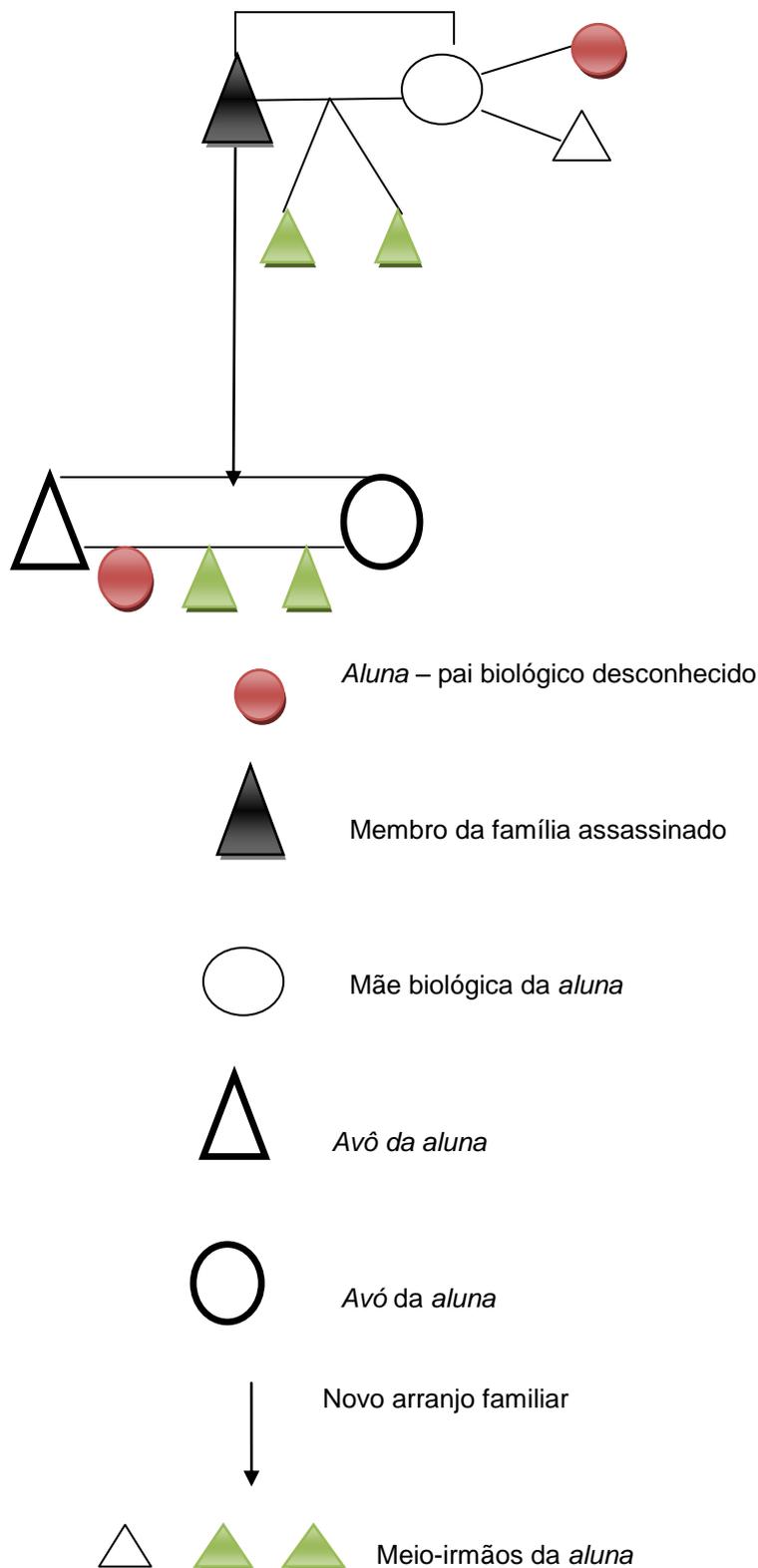


FIGURA 1 - Diagrama familiar da *aluna*.
Fonte: da autora.

A *aluna* estuda na escola desde os seus primeiros anos de formação. Apresenta boa socialização com os colegas e participa das aulas com interesse e envolvimento nos trabalhos. Na avaliação trimestral deste ano de 2012 apresentou aproveitamento satisfatório em todas as disciplinas avaliadas, especialmente para o conteúdo de Português, com avaliação de conceito A¹¹. Em destaque, ainda, segundo a avaliação do corpo docente, a *aluna* organiza seu material escolar e sabe cumprir regras, “combinados” e horários dentro da escola.

6.3 Os instrumentos de pesquisa

Durante a conversa com o pesquisador, a família se dispõe de bom agrado, a falar sobre seus valores, lembranças, problemas de cunho familiar, fé, aspirações de vida e, sobretudo sobre sua memória escolar. A conversa ocorreu na forma de três encontros realizados, na maioria das vezes, na própria sala da casa dos avós.

Na medida em que o pesquisador conversava com os entrevistados, outras pessoas da casa, bem como vizinhos da comunidade, ali chegavam e participavam também da prosa. Ora, estes que ali transitavam de forma desavisada pelo ambiente da casa serviam também de comentários e fonte de explicação por parte dos avós sobre suas vidas.

As memórias dos avós e da *aluna* foram enfatizadas em três momentos diferentes, porém a participação dos três não está exclusiva em nenhuma etapa da conversa. As memórias de vida destes três protagonistas estão abordadas neste estudo sob a ótica da etnografia interacional, conforme demonstrado à frente.

7 AS MEMÓRIAS DOS SUJEITOS INVESTIGADOS

- **Relatos da avó**

O pesquisador combinou com a *aluna* que iria a sua casa na segunda-feira (dia 28/05), após a saída da aula, por volta das 17h30min. A casa dela está situada praticamente no portão da escola, a menos de vinte metros de

¹¹ O aluno atingiu de 86% a 100% dos objetivos propostos. Dados contidos na Ficha Anual de Avaliação do Aluno.

distância. Chegamos e a avó da *aluna* nos aguardavam com muita afetividade e descontração. Entre o caminho do portão, até a sala da casa, a avó já começou a rememorar e a dizer sobre os seus primeiros anos de escola: “comecei a estudar com sete anos de idade, as salas eram muito cheias, em média tinha cinquenta alunos dentro de uma sala de aula”. O avô da *aluna*, já sentado em uma cadeira ao lado, logo corrigiu a esposa: “eram bem mais, uns sessenta alunos por sala”. Eu fui professor dela no MOBREAL, quando ela retornou à escola, com doze anos”¹². A avó conta que frequentou a escola dos sete aos nove anos de idade, mas por morar tão longe da escola - tinham que andar muito tempo até chegar lá, além de ter que ajudar em casa com os serviços domésticos - acabou abandonando a escola bem cedo. A avó afirma:

Eu gostava de ir à escola, mas faltava muito, ia durante uma semana e depois faltava duas. Me sentia muito cansada, trabalhava na roça e depois tinha que andar muito tempo a pé até chegar à escola. Naquele tempo não existia o apoio do governo de hoje (informação oral)¹³.

A avó conta que, durante esses dois anos, não conseguiu aprender nada, mal desenhava o seu nome, mas por incentivo de seu avô, em casa mesmo, ele ensinou a ela, contas de matemática, no chão da cozinha, com o uso da sobra da lenha queimada. Pedacos de carvão serviam de giz para as explicações sobre as quatro operações da matemática. Novamente, o avô da *aluna*, interferiu na prosa: “quando ela voltou para a escola, sabia pouca coisa...”. A avó diz ainda:

Os cadernos eram levados dentro do saco de arroz mesmo, o embornal, só que era feito de plástico. Isso me faz lembrar as mochilas de hoje dos meninos... naquela época era muito comum isso, até com os filhos dos fazendeiros se fazia isso. Os cadernos eram muito finos e já vinham com as folhas bem amareladas¹⁴. Só tinha um lápis e uma borracha na ponta. Quando a borracha acabava, nós pegávamos a sobra das chinelas havaianas e cortava os pedacos bem pequenos que serviam para apagar os exercícios. Quando entrei na escola pela primeira vez, nem existia uniforme, mas me lembro que usava um sapato conhecido na época como alpargatas roda.

¹² Movimento brasileiro de alfabetização. Programa criado em 1970, no período da ditadura militar pelo governo federal, com o objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos.

¹³ As entrevistas constaram apenas da coleta de informação via oralidade.

¹⁴ Do papel grosso que se embrulhava o toucinho comprado no mercado, parte deste material era aproveitado para fazer um caderno. Da folha grande, cortava-se ela em pedacos pequenos. Assim, o caderno da avó já estava pronto.

A avó conta que das lembranças boas que guarda deste tempo é a cola:

Não existia cola como hoje, então nós fazíamos uso da folha de uma planta que existia no quintal da escola. Dessa planta podíamos colar todos os nossos exercícios. Outro dia, eu estava caminhando pelo Barro Preto e vi a árvore que fazíamos a cola. Ai me fez lembrar “gente, essa árvore é a mesma que existiu lá na minha escola e acho que a indústria descobriu essa coisa boa da árvore e ai surgiu a cola (teoriza).

Conta que das pessoas com quem ela conviveu neste tempo escolar, gostaria de rever a sua primeira professora: “poder reencontrar novamente a minha primeira professora, Dona Laudelina, que ainda é viva. Ganhava-se muito “reguada” das professoras, era comum isso”. A avó ainda explica: “Mas nunca fiquei ajoelhada sobre grãos de feijão ou arroz sem debulhar como muitos ficavam ali. O arroz sem debulhar no pilão machucava mesmo os joelhos dos meninos”. O avô sentado no outro lado da poltrona complementa a fala da avó: “o professor era considerado naquele tempo, a segunda mãe ou pai da criança, nós éramos muito respeitados pelos alunos”. Questionada sobre a merenda, a avó abre um sorriso e conta:

Só era servido todos os dias o mingau de fubá. Era pobre mesmo. Às vezes algum fazendeiro da região doava rapadura, leite ou queijo para a escola, o que era uma novidade para nós. Aí se podia fazer o mingau de leite.

A avó ainda menciona: “o mingau era sempre servido no coité” (FIG. 2).

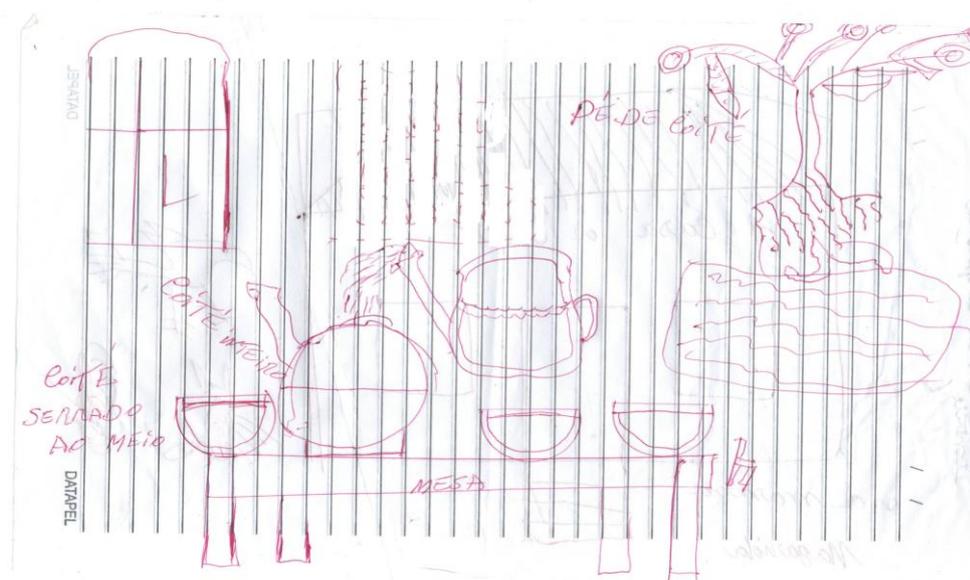


FIGURA 2 - O coité representado pela avó.

Durante a conversação, a avó fez espontaneamente em uma folha de caderno, um registro que representasse a sua fala. Aqui o exemplo é o coité utilizado como vasilhame de refeição na sua escola.

A avó dita sobre uma lembrança:

Sabe, na roça comíamos o cubu, um biscoito delicioso que se enrolava a massa na folha de bananeira e depois se assava na panela de barro e levado ao forno a lenha. Tentei fazer no fogão a lenha aqui em casa, mas não deu certo. Tenho a receita de cor na cabeça¹⁵ (lamenta).

Durante o recreio a avó ainda conta: “gostávamos de brincar de rodinha, sempre cantando cantigas de roda, às vezes também brincávamos de passar o anel”. Da lembrança boa, a avó logo se prontifica a dizer: “combinava com minhas colegas e matávamos aula. Ficávamos sentadas na beira da mata conversando. Cada uma levava a sua merendinha que era sempre a mesma coisa, arroz e feijão”. Na escola, segundo a avó, o tempo das atividades, como o começo e o término das aulas, por exemplo, era sempre demarcado por um sino. Não se fazia o uso do relógio, e era por hábito utilizar o movimento do Sol e o canto das galinhas para começar ou terminar as tarefas do dia. A avó ainda conta que sua mãe não sabia ler, mas fazia conta de cabeça com muita facilidade. Indagada sobre a sua família a avó comenta:

Minha mãe engravidou de mim quando tinha dezoito anos. Como meu pai tinha feito “besteira” com minha mãe e outra menina de dezesseis anos ao mesmo tempo, o que foi recomendado a ele que se cassasse com a mais nova, como manda o costume. No meu registro só consta o nome da minha mãe, porque o juiz só iria registrar eu sendo filha do meu pai e de sua esposa e dessa forma minha mãe não aceitou.

O avô comenta: “era assim que as coisas funcionavam, o homem que era casado não poderia assumir a paternidade de uma criança fora do casamento, hoje isso mudou”. Segundo a avó da *aluna*, as coisas só começaram a melhorar um pouco em casa quando sua avó recebeu o FUNRURAL e pôde, assim, fazer a compra de um pequeno terreno, de onde conseguia tirar o sustento da família. O avô completa a fala da avó: “a casa dela era de sapé e cheia de picumã na parede (risos) (FIG. 3)”.

¹⁵ Receita memorizada e ditada pela avó sobre o cubu: fubá feito no moinho de pedra, com melado de rapadura e leite azedo.



FIGURA 3 - A casa de sapé da avó. O desenho elaborado por ela e representando sua casa e os elementos que os cercavam.

Até então, como sua mãe e avó trabalhavam na roça, e dependiam das safras de colheita do café, por exemplo, e de outras culturas sazonais, muitas foram as mudanças de casa neste período. Tal razão, segundo a avó da *aluna* foi também um dos fatores que motivou o seu abandono na escola, no período dos nove aos doze anos de idade. A avó comenta que veio morar aqui em Belo Horizonte com quinze anos:

Trouxemos da roça apenas um saco de panela preta e pouca roupa. A minha mãe conseguiu um emprego aqui de doméstica. Pagávamos aluguel em um barracão pequeno durante algum tempo. Depois nós invadimos um terreno no Bairro Ouro Preto. A minha mãe fez uma barracquinha de lona e ali ficamos. Depois ganhamos um material de construção e começamos a construir uma casa. Só reencontrei o meu marido (avô) tempos depois.

A avó explica ao pesquisador que hoje ela é *aluna* da EJA (Educação de Jovens e Adultos) do ensino noturno na Escola Anne Frank. Ela ainda mostra com orgulho ao pesquisador o seu caderno de atividades, e diz que tem preferência em estudar matemática e interpretação de texto. A avó ainda declara: “Foi a professora Glória que me ensinou a escrever na linha”. Atento à fala da avó, o avô participa da conversa fazendo um alerta à esposa: “ela

precisa estudar, caso eu falte aqui, ela poderá seguir a sua vida de forma mais independente. E digo isso para a *aluna* (neta) também: você precisa estudar para não depender de homem nenhum quando crescer, você precisa ser independente”. A *avó* declara: “estou a três anos na EJA e quero fazer o segundo grau também. Aqui na escola terá o segundo grau para os alunos da EJA e quero aproveitar esta oportunidade”. O *avô* comenta: “não é só para a EJA, a gente luta por esse direito para toda a comunidade do bairro. Eu sou o vice-presidente da associação do bairro e talvez breve possamos realizar esta conquista”. A *avó* complementa sua fala:

Eu faço parte do colegiado da escola também, e sempre participo das reuniões quando sou chamada e quando tem as reuniões de pais para a minha neta. Eu conheço esse lugar desde antes de aqui ser um bairro. Vinha do São Mateus até aqui para lavar roupa nas nascentes do lugar: eram muitas que aqui existiam.

- **Relatos do avô**

Conforme combinado com os *avós* e a *aluna*, o pesquisador chegou à casa deles para fazer a segunda entrevista no dia 30/05. O pesquisador bateu palmas no portão e logo um menino o atendeu e dando um sinal a ele para subir. Chegando ao local da casa, o *avô*, a *avó* e a *aluna* já o aguardavam com um sorriso aberto. Outras crianças e adultos também transitavam neste lugar. O *avô* estava sentando em uma poltrona desencapando um componente eletrônico e dentro dele existiam vários fios de cobre enrolado. A *avó* logo se senta ao lado do marido e demonstra interesse em continuar a conversa. Ela logo oferece ao pesquisador um cafezinho e ele faz o sinal positivo de que aceita. Perguntado sobre sua idade e pedindo a ele que contasse ao pesquisador um pouco de sua vida, o *avô*, demonstra grande interesse em participar da conversação e prontamente responde ao pesquisador um extenso relato, transcrito em sua íntegra, a seguir:

Eu tenho sessenta anos e nasci em Teixeira de Minas e fui criado na cidade de São Paulo, Capital. Eu vivi até os meus sete anos de vida com os meus pais biológicos na cidade de Teixeira, mas depois meu pai adotivo e minha mãe adotiva me levaram para São Paulo. Em Teixeira, meus pais adotivos tinham um restaurante gaúcho. Eu comecei a trabalhar para eles e peguei amizade com eles. Eles conversaram com meus pais e aí meus pais (biológicos) me liberaram. Fiquei por lá (São Paulo) dos sete até os vinte e nove anos de idade, depois retornei para Teixeira”. Sobre a

escolarização de seus pais, o avô relembra: “a minha mãe biológica nunca estudou, mas lia a bíblia como ninguém. O meu pai biológico sabia ler e escrever e tinha uma letra bem bonita. Já o meu pai adotivo era engenheiro e minha mãe adotiva estudou até o segundo grau. O avô ainda continua lembrando sobre sua vida escolar: “Morava na Lapa e estudava na Vila Anastácia. Estudei em escola pública pela manhã. Fiz os quatro anos do fundamental e um ano de admissão. Lembro-me das matérias que estudei: estudava Geografia, História, matérias associadas (Ciências), Português, ginástica e religião. A cada dia, Dona Zita dava uma dessas matérias para a gente nas aulas, “de menos” ginástica. As aulas de ginástica eram dadas pela professora Dorinha e todos tinham que repetir os mesmos exercícios que ela fazia. Uns exercícios difíceis de fazer. Não gostava muito dessa aula. Da Matemática sei pouco, só estudei até a raiz quadrada, além dos colchetes, dos alfinetes, e entre parênteses. Eu utilizava sempre a cartilha do ABC e a tabuada nas aulas de Português e Matemática. Das matérias associadas, eu gostava muito quando íamos fazer experiência no ribeirão. A professora nos avisava: ‘amanhã vocês vão levar um vidro com água de casa para pegar girino e vitória-régia, as plantas aquáticas’. O ônibus da Prefeitura nos levava até lá. Nós íamos duas vezes por ano para fazer essa experiência. Aí a gente ficava feliz... íamos todos brincando... A diretora sempre levava pão com manteiga para ela e sempre me oferecia o seu lanche. Aí eu ficava contente, achava isso carinhoso da parte dela. A escola tinha merenda, mas não era comida. Era sempre pão com salame, pão com carne, pão com queijo, leite ou refrigerante. A gente tinha que levar o nosso copo de alumínio e voltava com ele para casa. Não podia emprestar o copo para outro colega não. Hoje o aluno pinta e borda na sala (reflete). Uma época boa foi a parada de Sete de setembro. Todo mundo marchava e era bonito. Quando entrava agosto todo mundo já começava a treinar tarol, surdo e tambor. Eu ficava doido para tocar tambor. Ficávamos ensaiando a marcha, e quando chegava o Sete de setembro, todo mundo tinha que marchar direitinho. A polícia na frente e a gente atrás. Não faltava à aula. Não podia faltar, porque se no final do ano, você não tivesse a frequência completa tomava bomba. Também não se repetia a prova. Só se repetia prova se fosse a caso de doença. Bastava a mãe explicar o motivo da falta para as professoras e poder ter a segunda chance. As mães apoiavam as professoras e diziam ainda: ‘passou do portão para dentro são vocês que mandam’. A leitura naquela época era mais forte. O que minha neta (aluna) estuda hoje na sétima série (oitavo ano), nós fazíamos no terceiro ano primário. Eu sei por causa do desenvolvimento da leitura da minha neta (aluna). No interior é assim ainda. O estudo em Teixeira é mais forte do que aqui até hoje. No meu tempo, tínhamos que decorar a matéria do dia anterior. A professora tomava a matéria do aluno. Se ele não soubesse dizer para ela o conteúdo escrito no quadro, ficávamos então depois da aula sem comida, até decorar tudo. Na sala existia vara de marmelo e palmatória. Nós tínhamos que tratar a professora sempre assim: ‘pois não, professora’. Lembro-me que rezávamos sempre na entrada e na saída das

aulas. Antes de entrar nas salas tínhamos como dever fazer uma fila. Esperávamos o segundo sinal tocar. Só aí que podíamos entrar na sala. Guardo de recordação um sinal dessa época (FIG. 4).



FIGURA 4 - Modelo antigo de sinal escolar. Este modelo do sinal de entrada e saída das aulas é reconhecido pelo avó como idêntico à escola onde ele estudou.

O uniforme da escola era bem bonito: camisa de gorgorão branca e um escudo da escola costurado no bolso da blusa, calça comprida em tecido de fustão azul marinho e meia na cor preta e sempre sapato preto. Sempre carregava comigo uma caderneta com todas as minhas notas. Uma lembrança triste que veio aqui na minha memória: uma vez tirei cinco e meio na prova. Dona Zita esfregou a prova na minha cara e disse: ‘você não vai ser nada na vida’ e ficava profetizando a minha derrota. Durante as aulas sempre tinha ditado, redação e problemas de Matemática que a professora escrevia no quadro para copiar. Todo mês tinha prova para fazer e eu podia contar com a ajuda da minha mãe adotiva para fazer o para casa. Quando voltei para Teixeira, estudei um pouco mais, o que equivale ao ginásio hoje. Também fui professor no MOBREAL. Dava aula na fazenda do senhor Zuquita e recebia conforme as condições de cada aluno. Na sala tinha alunos de treze até os cinquenta anos de idade. Não existia indisciplina e todos tinham interesse em aprender. A frequência era boa e as aulas eram dadas de segunda a sexta e sempre à noite. Guardo desta época aquele globo terrestre guardado ali em cima da estante. “Não gosto nem que tirem o globo dali para não correr o risco de estragar, mas hoje faço questão de te mostrar mais perto” (risos) (FIG. 5).



FIGURA 5 - O antigo globo terrestre. Esta representação da Terra foi guardada pelo avô como recordação nos tempos em que lecionava no MOBRAL.

O avô ainda declara: “O Zuquita oferecia para nós, como lanche no intervalo das aulas, uma chaleira de café com leite e broa de fubá. Hoje dou aula de estudos bíblicos na igreja onde frequento”.

- **Relatos da *aluna***

Dia 05 de junho foi o último dia da conversação com os entrevistados. Todos já me esperavam na casa. A avó e o avô estavam fazendo sala para uma visita. A avó acena para o pesquisador da cozinha e diz: “fica à vontade. A casa é sua”. A *aluna* sugeriu então: “professora, vamos conversar aqui mesmo na varanda. É mais sossegado”. Ao sentarmos outras crianças se aproximam de nós. A conversa então se inicia. O pesquisador pediu à *aluna* que ela contasse um pouco sobre sua vida escolar, sobre suas aspirações para o futuro e sobre a sua história de vida. Calma e um pouco tímida, ela se prontifica a dizer:

Aqui em casa o computador esta desmontado. Ele será montado para mim quando o meu quarto estiver pronto. Aqui então não temos acesso à internet. Levanto cedo e ajudo no serviço da casa. Depois separo parte do meu tempo para estudar e fazer as atividades de ‘para casa’ da escola. Tenho por hábito estudar todo dia um pouquinho. Estudo no meu quarto em cima da minha cama mesmo. Acho mais gostoso. Quando era bem novinha, minha mãe e minha avó (materna) me ajudavam a fazer o ‘para casa’. Hoje já consigo fazer sozinha grande parte das minhas atividades da escola. Ora meu avô me ajuda em alguma dificuldade nas pesquisas, ora é a minha tia Thalita que me dá uma forcinha. Quando vim morar na casa dos meus avós, vários livros aqui já estavam. Na casa dos meus avós tem dicionário de Português, de Inglês, livro de literatura, livro de Ciências e

até da UFMG com todas as matérias. Meu avó ganhou e ganha muito livro lá do trabalho dele e também acha muita coisa no lixo. Guardamos tudo. Tem muitos livros dentro daquela estante da sala ou guardados dentro do guarda-roupa do meu quarto e até debaixo da cama embalados dentro de caixas. Tem livro espalhado pela casa. Meus avós gostam de guardar livros. Costumo também fazer empréstimos na biblioteca da escola. Inclusive, devolvi hoje o livro com o título 'Querido diário otário'. Foi indicação de leitura para as aulas de Português. Conheci a história da minha mãe. Ela engravidou nova demais, acho que só tinha doze anos. É uma história difícil... A última vez que vi a minha mãe foi nas férias de julho do ano passado. Fiquei por lá durante duas semanas, mas já 'tava' doida para voltar para a casa dos meus avós. Meu avô me contou como era a escola dele quando ele estudava, achei que era bem bonitinha. Acho importante conhecer as histórias dos meus avós: a gente escuta como era a época deles e se é igual a nossa. Mas é bem diferente. A escola era mais rígida. Era muito difícil chegar até a escola. Hoje, a escola 'ta' perto de casa. Meus avós me incentivam muito a estudar. Quero estudar para ser médica ou arquiteta. Eu gosto também de desenhar.

A avó se aproxima da mesa onde estávamos sentadas e diz: “eu creio que o futuro é o estudo, porque sem estudar não somos nada. Hoje, até para tratar dos animais do zoológico precisa estudar, eu pesquisei isso, viu”. A avó olha para a neta e dá uma grande risada com ela. Ela ainda acrescenta:

Vou te contar uma coisa: quando meu filho mais velho tinha seis anos de idade, eu comprei uma enciclopédia com seis livros para ele. Um mascate me ofereceu aqui na porta de casa. Acho que os livros custaram cerca de duzentos reais e eu tinha que pagar trinta reais por mês ao vendedor. Nós tínhamos poucos livros em casa naquele tempo e precisava ter alguma coisa, né.

O avô se aproxima da *aluna*, da avó e do pesquisador e se dispõe também a participar da conversa:

Tenho a sorte de ganhar muitos livros lá do meu serviço. A gente pode reaproveitar este material, né. Sempre podemos tirar uma figura para colocar em uma pesquisa ou mesmo fazer uma consulta sobre uma dúvida das aulas. Vejam aqui, estes livros foram encontrados no lixo, estão novos (FIG. 6)! As matérias evoluíram, mas podemos aproveitar muito deste material.

O avô dita ainda os valores que considera importante nos dias de hoje:

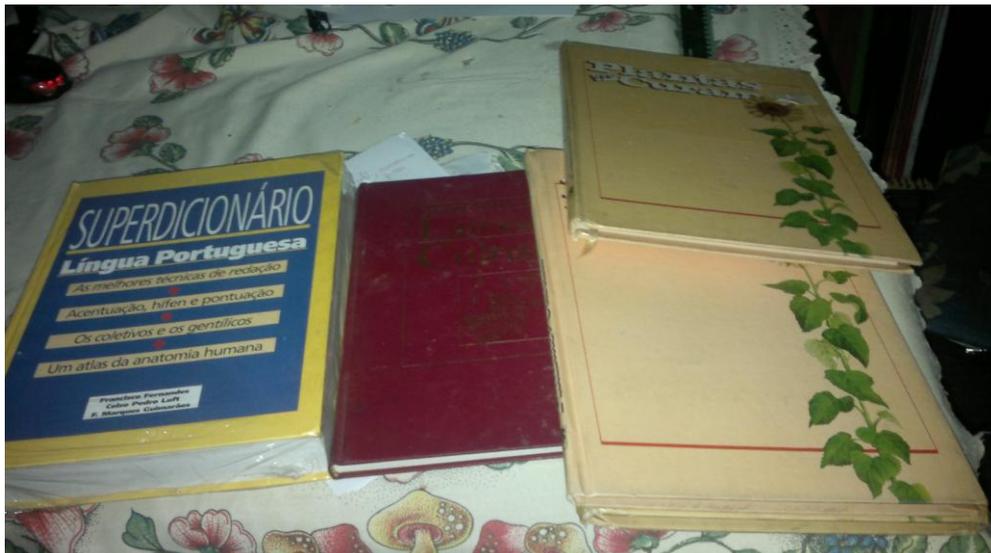


FIGURA 6 - Os livros encontrados no lixo pelo avô.

O estudo é muito importante, ainda mais na época de hoje. Sempre digo à minha neta: você tem que estudar, porque o casamento hoje não é de segurança... Amanhã a jovem casa e tem noventa por cento de chance do casamento não dar certo. Ela sendo formada poderá defender a sua vida. O futuro das pessoas está nos estudos. Ela deve estudar até o ideal dela... é ser médica. Hoje tudo está evoluindo muito rápido. Não podemos parar de estudar mais!

O avô concluiu a sua fala profetizando ainda: “Abaixo de Deus, o estudo é a segurança dos jovens”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, constatamos por meio da pesquisa, a existência de um arranjo familiar diferente neste grupo social, onde o fator biológico não é o predominante na constituição da família, mas se reconhece que o laço familiar pode estar concebido, sobretudo, pelo vínculo afetivo. Para tanto, sugerimos a observação dos seguintes aspectos: a realização de novos estudos, que poderiam acrescentar novas informações sobre a dinâmica familiar desta localidade geográfica.

O relato de vida dos avós da *aluna* serviu de fonte de informação para conhecer sobre a dinâmica escolar vivenciada por eles em tempos e lugares distintos, bem como conhecer um pouco sobre a própria história de ocupação e produção do bairro Confisco. Dar voz aos sujeitos e o que dela a sua memória nomeia significou para eles valorizar sua própria narrativa de vida,

especialmente de um grupo social, oferecendo a nós outras versões da história tão ou mais importantes quanto aos publicados em registros oficiais.

A escolarização do *avô* e da *avó*, situados em duas porções geográficas bem distintas, o Brasil urbano e rico de um lado e o Brasil rural e pouco equipado do outro, nos revelam as suas diferenças no campo da educação. Por meio do testemunho dos *avós* da *aluna* foi possível vislumbrar dois modelos educativos bem diferentes e a constatação das desigualdades de estudo em decorrência das especificidades da vida urbana e da rural. A escola da *avó* rodeada de limitações materiais e de improvisos enquanto instituição de ensino, bem como constatar em seu relato, a existência de uma escola completamente desprovida e incapaz de atender as necessidades reais do alunado rural. Por outro lado, o *avô* inserido em um contexto escolar urbano: constata-se formas na organização de ensino mais elaboradas quando comparadas à experiência escolar da *avó*, porém um ensino ainda muito tradicional, excludente e conteudista enquanto modelo de educação.

Verificou-se, também, que mesmo entre estes sujeitos advindos de tanta carência material a escola é valorizada enquanto espaço do saber e compreendida também como o lugar da transformação social. Andando pela contramão de um mundo contemporâneo pautado pelo consumo e marcado pela superfluidade de produtos e de serviços, esta família elege dentro das suas possibilidades de vida o reaproveitamento e a valorização de um objeto considerado como símbolo do acesso ao conhecimento e contraditoriamente descartado como lixo: o livro. Nesta família, o livro é considerado um material de grande importância e percebido por eles como um elemento transformador. Bossi (1994) salienta que esta vocação consumista que está presente no cotidiano das pessoas representa um fator inibidor da memória. Durante a conversação com os *avós* foi possível constatar em contraponto desta premissa, o apego e a guarda de objetos carregados de significados biográficos e históricos para os mesmos, onde o seu passado se conserva. A idéia do consumo de objetos de forma descartável e superficial, tão em voga neste mundo contemporâneo, está constituída pelos *avós* dentro de outro sentido. A preservação de vários suportes materiais, além da valorização de outros objetos descartados no lixo, nos permite recuperar outras experiências

de vida e, por conseguinte, acaba por favorecer e validar outra história interpretada por nós por meio da voz e do olhar destes sujeitos.

Conclui-se também que, ao contrário do discurso construído pelo corpo docente investigado neste estudo, sobre a pouca valorização da família em relação à escola, ouvindo o relato do *avô*, da *avó* e da *aluna* desta comunidade foi possível constatar outra sensibilidade acerca destes dizeres. Podemos perceber que tanto os *avós*, quanto a *aluna* acreditam que para se alcançar melhorias nas condições de vida é preciso estudar, sendo esta a melhor forma para se obter êxito.

O uso da etnografia interacional como método de estudo nos possibilitou a aproximação entre família e escola, que foi mediada por meio da memória local destes sujeitos e se constituiu um instrumento importante de aproximação entre escola e comunidade, contribuindo para a construção - pelos alunos e pela *aluna* - da sua própria imagem cultural. A valorização aos dados discutidos pode ampliar a imagem positiva que eles irão construir de si mesmos, além de possibilitar a eles compreender que estão inseridos dentro de um grupo social que tem histórias e sujeitos com importantes trajetórias de vida.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOSSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Cadernos de pesquisa*. Maranhão, n. 110, p. 143-155, Jul. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n110/n110a06.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2012.

DEBORTOLI, J. A. O. *et al.* As experiências de infância na metrópole. In: DEBORTOLI, J. A. O.; MARTINS, M. F. A.; MARINS, S. (Orgs.). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p.19-46.

FARIA, J.; SOARES, M. L. (Orgs.). Cordel do Confisco. In:_____. Projeto memória e identidade: história da comunidade do Confisco. Belo Horizonte, 2011. p. 3-8. (Documento circulação interna, Escola Municipal Anne Frank).

FIGUEIREDO, C. M. *Memória infantil e familiar: uma experiência na Escola Anne Frank*. 2007. 42 f. Estágio supervisionado B (graduação em Biblioteconomia) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 10, p. 58-78, Jan./Abr. 1999.

ESCOLA MUNICIPAL ANNE FRANK. *A praça das 3 memórias*. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=e73pjpXJPz0>>. Acesso em: 18 fev. 2012.

LEGNANI, Viviane N. *et al.* *Família nuclear: um ideário de proteção contra a violência*. 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/276.%20fam%CDlia%20nuclear.pdf>. Acesso em: 15 maio 2012.

NOGUEIRA, C. M. M. *et al.* *A influência da família no desempenho escolar: estudo de dados da geração escolar 2005*. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/osfe/Artigo%20Osfe%202009.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2012.

WERNER, D. *Uma introdução às culturas humanas: comida, sexo, magia e outros assuntos antropológicos*. Petrópolis: Vozes, 1990.

ANEXO A

CORDEL DO CONFISCO

Vou lhe contar uma história
Que aqui aconteceu
De uma grande fazenda
Nosso bairro floresceu.

Depois de oitenta e oito
O governo resolveu
Desapropriar, então,
Parte daquele terreno.

E depois distribuiu
Vários lotes pras famílias
Que chegaram até aqui
Com teto por conseguir

Muitos tinham que viver
em moradias de lona
Enfrentando frio e fome
e também as invasões.

Através de doação,
Fez-se um grande mutirão.
Para ter onde morar,
Houve muita união.

Persistindo na batalha
Conseguimos obter
Material de construção
Pra nossa casa fazer

Seu Jorge era o nome
De uma personalidade
Que incansável batalhou

Por nossa comunidade.

A vontade desse povo
Era de homenageá-lo
Mas Confisco foi o nome
Que a prefeitura deu.

Vocês precisavam ver
Pra poder acreditar
Essa praça era só
Um enorme buracão.

De seis metros de fundura
Onde tinha muitos ratos
Muito lixo e barata
Que assustavam até um cão.

Todos se mobilizaram
Construiu-se uma praça
Gerando uma consciência
Do direito, cidadão.

Todo o povo, reunido,
De mãos dadas, foi à luta
Para a vida melhorar, iniciou-se a disputa.

Com a união de lideranças
Tudo passou a ter jeito
Houve muita reunião,
Conseguiu-se educação.

A escola Anne Frank
Nasceu com o bairro Confisco
Nela tudo acontecia
Desde velório até missa.

Para a comunidade
Sempre foi uma referência
E até hoje é respeitada
Por todos que moram aqui.

Muita gente do Confisco

Busca sua identidade
 Uns pertencem à Belo Horizonte
 Outros pertencem à Contagem.

O limite da divisa
 Entre BH/Contagem
 Traz muita dificuldade
 Pro povo desse lugar.

Veja só que coisa louca
 Foi notícia de jornal
 Na casa da dona Graça
 A líder comunitária
 A cozinha é em Contagem
 E a sala em BH.

Para o bairro melhorar
 Temos muito que mudar
 Todos devem conservar
 A praça desse lugar.

Precisamos preservar
 E da nascente cuidar
 Recolhendo todo o lixo
 Que o povo joga lá.

Um projeto da escola
 Chamado Bosque da Paz
 Plantou árvores na nascente
 Para um bom exemplo dar.
 E a todos conscientizar

Que o amor é importante
 E que essa violência
 Não pode continuar.

Todo jovem desse bairro
 Deveria estudar
 Para o direito à justiça
 Ser capaz de conquistar

Essa é a nossa história.
 De atitude, força é fé.
 Muita sede de vitória
 Nos trouxe até aqui.

Pro futuro ainda falta
 Muita coisa a construir
 E com a força de todos
 Mais podemos conseguir

Todos temos que aprender
 A corrigir nossa conduta
 Respeitar nosso irmão
 E continuar nossa luta.
 Com o povo organizado
 A união faz a força
 Pois toda a necessidade
 Gera solidariedade

Sempre temos que sonhar
 Pra conquistar o direito
 De crescer e ser feliz
 Do jeito que o povo quis.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevistas dos avós

- 1) Os seus pais estudaram?
- 2) Você se lembra com quantos anos entrou na escola?
- 3) Você estudou até que ano na escola?
- 4) Qual o material que você levava para a escola?
- 5) Qual material que você guardou deste tempo? Pode ser uma fotografia, uma caderneta de notas ou mesmo um caderno velho.
- 6) Existia uniforme escolar? O que vestia naquele tempo?
- 7) Das pessoas com quem você conviveu, quais foram as de que você se recorda mais?
- 8) Quais são as lembranças que você tem dos professores? Quais foram as lembranças boas e quais foram as lembranças ruins?
- 9) O que você fazia durante o recreio? Você se recorda do que mais gostava de lanchar durante os intervalos?
- 10) Existia naquela época alguma forma de castigo e punição quando não se seguia as regras da escola? Você já foi repreendido pelo professor em algum momento? Você se recorda o motivo e o que aconteceu?
- 11) Como eram as avaliações dos professores?
- 12) O que mais gostava de estudar?
- 13) Quer contar alguma coisa que se recorda daquele tempo?